

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 22 - Nov./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573

MARIA MBUANDA CANECA GUNZA FRANCISCO

As manifestações comportamentais dos alunos devem sempre ser consideradas como uma representação social.



POIESIS

Danton Medrado
J. Witon
Manuel Francisco Neto

DESTAQUES

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Adelina Ursula Correia de Lima

IMPACTO DA DÍVIDA PÚBLICA NO PLANO NACIONAL DE ANGOLA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Tavares dos Santos Muhongo



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

www.primeiraevolucao.com.br

Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 22 - Novembro de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Andréia Fernandes de Souza

Isac dos Santos Pereira

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andréia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS)

Adelina Ursula Correia de Lima

Cristiana Ferreira de Sousa Neves

Elida Eunice da Silva

Izilda Marques Bastos Trindade

Luzerlila Perestrelo Valente

Maria Celeste dos Viveiros Capongcol Vitangui

Rosemeire Santos de Deus Lopes

Tavares dos Santos Muhongo

Vanda de Lima Rodrigues

Vilma Maria da Silva

A

São Paulo
2021

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Denise Mak
Patrícia Tanganelli Lara
Thais Thomas Bovo
Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adelson Batista Lins
Prof. Esp. Ana Paula de Lima
Prof. Me. Andreia Fernandes de Souza
Prof. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Prof. Me. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Prof. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Prof. Dra. Thais Thomas Bovo
Prof. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
https://primeiraevolucao.com.br
São Paulo - SP - Brasil

netomanuefrancisco@gmail.com
Luanda - Angola

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores. Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Filiada à:



Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 22 (nov. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

86 p. : il. color
Bibliografia
Mensal
Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>
ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.22>

www.primeiraevolucao.com.br

ÍNDICE

05 APRESENTAÇÃO

Profa. Andreia Fernandes de Souza

07 HOMENAGEM Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

COLUNAS

12 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

85 POIESIS

Danton Medrado

Manuel Francisco Neto

J. Wilton



ARTIGOS

★ 1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
Adelina Ursula Correia de Lima	
2. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	25
Cristiana Ferreira de Sousa Neves	
3. JOGOS E BRINCADEIRAS POPULARES NA PRIMEIRA INFÂNCIA	29
Elida Eunice da Silva	
4. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	39
Izilda Marques Bastos Trindade	
5. AS ARTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	49
Luzerlila Perestrelo Valente	
6. O ABANDONO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA	55
Maria Celeste dos Viveiros Capongcol Vitangui	
7. CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA ESCOLAR	63
Rosemeire Santos de Deus Lopes	
★ 8. IMPACTO DA DÍVIDA PÚBLICA NO PLANO NACIONAL DE ANGOLA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	67
Tavares dos Santos Muhongo	
9. A PSICOPEDAGOGIA E PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	73
Vanda de Lima Rodrigues	
10. A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO E ESCUTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	79
Vílma Maria da Silva	

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ADELINA URSULA CORREIA DE LIMA

RESUMO: Este artigo foi baseado em um estudo para conclusão de curso de licenciatura que investigou as relações de gênero a partir das observações de algumas crianças na faixa dos quatro a cinco anos de idade que frequentam uma determinada Escola de Educação Infantil na rede pública Municipal de ensino de São Paulo (EMEI). O objetivo central constituiu-se em perceber como as crianças vão construindo as identidades e os papéis de gênero nas relações que estabelecem com os adultos mais próximos nos espaços educacionais. Partindo do ponto de vista de que as interações estabelecidas pelas crianças fazem parte do rol de experiências objetivas e subjetivas que vão criando as suas personalidades, bem como os papéis sociais de gênero. A pesquisa evidenciou que mesmo entre as crianças de pouca idade os papéis de gênero estão muito próximos daqueles vividos pelos adultos que convivem no mesmo contexto cultural, e as identidades de gênero são experimentadas em diversos momentos de interação entre as crianças.

Palavras-chave: Aprendizagens. Educação. Gênero. Identidade. Práticas Docentes

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco discutir como as crianças lidam com as suas relações de gênero no cotidiano da educação infantil e como estas são influenciadas pelas práticas docentes.

Foi observado, que ocorre uma possível divisão (tanto nas atividades cotidianas em sala, como nas brincadeiras extraclasse) com relação ao que se espera que sejam atividades, atitudes e comportamentos para meninos e meninas.

O que se evidenciou é que para o (a) professor (a) essa divisão se dá “naturalmente”, ou seja, em nenhum momento se questionam se estão ou não interferindo nessa divisão de meninos e meninas, legitimando, assim, as desigualdades no cotidiano escolar. Assim, o estudo abordará se a escola contribui para que essas marcas sexistas se perpetuem em nossa sociedade. Foi pensando nessas marcas deixadas pela escola nos corpos educados que me coloquei como professora e pesquisadora e passei então a analisar não só a prática do(a) professor(a) mas sim minha própria prática cotidiana, como também o contexto social.

A educação é um processo que ocorre em diferentes espaços e tempos: em casa, na rua, na igreja, na escola, ou seja, nos diversos âmbitos sociais em que o sujeito está inserido, por meio das relações estabelecidas com as outras pessoas com as quais interage.

As questões de gênero encontram-se diretamente relacionada à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões fixos daquilo que é “próprio” para o feminino bem como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano, originando condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual. Isso significa que as questões de gênero têm ligação direta com a disposição social de valores, desejos e comportamentos no que tange à sexualidade.

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na desmistificação destas diferenças, além de ser um importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero, ao invés de ser um lugar de práticas de desigualdades e de produção de preconceitos e discriminações como destaca Louro (1997, p. 57):

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá

estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização.

Nesta perspectiva, pretende-se com este estudo, aprofundar a questão, buscando-se contribuir com reflexões pertinentes em relação às práticas educativas e metodológicas referentes à formação de uma educação livre de atitudes e pensamentos preconceituosos, ao passo que a escola é corresponsável pela compreensão das relações de gênero na sociedade. Que este trabalho colabore de alguma forma com a prática pedagógica nas escolas, propiciando uma reflexão sobre as práticas a fim de desenvolver uma consciência em favor ao combate à desigualdade de gênero, tão enraizada no cotidiano escolar.

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS PRÁTICAS DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança é um ser social, seu desenvolvimento se dá nas relações e interações, assim, a escola é um dos locais em que as crianças manifestam seus modos de ser no mundo, portanto, a escola é um dos primeiros lugares em que a criança se depara com as diferenças, inclusive as de gênero. Meninos e meninas disputam/dividem espaços, reproduzem/superam valores, entram em conflitos.

Assim, podemos pensar como a escola pode contribuir na construção dos gêneros e das diferenças quando esta institui gestos, condutas e posturas apropriadas a cada um/uma. Através de um longo aprendizado cada um vai sendo colocado em seu lugar: menino/menina; aluno/aluna; professor/professora, entre outras tantas posições de sujeito.

As relações sociais estabelecidas na instituição escolar, no seu dia a dia, são dinâmicas e carregadas de valores que circulam nas falas de todos que compõem seu universo. A escola é um lugar que se torna um espaço de possibilidade de criação de laços afetivos, que se materializam pela utilização dos seus praticantes. Assim, docentes e discentes dão vida e fazem desse lugar um espaço de vivência e convivência. Que espaços são utilizados pelas crianças, como elas circulam, como os utilizam, o que fazem sozinhas, com outras crianças e com adultos? A sala de aula, os corredores, o pátio, o refeitório, o banheiro são espaços onde as crianças constroem seus cotidianos escolares. São nesses locais que se pode perceber como se estabelecem relações de gênero, de poder, o ser-fazer de suas artes e os modos como se organizam e negociam dando sentido a cada espaço ocupado.

A escola/professor (a) lida com a relação de gênero no seu cotidiano, mas na maioria das vezes não percebe suas influências na constituição das subjetividades nas crianças que quase sempre são identificadas (de acordo com o gênero) como meninos e meninas. Um exemplo dessa evidência ocorre dentro da sala de aula quando o (a) docente conta quantos meninos e quantas meninas têm na sala e depois pergunta o total. Nesse sentido, é possível observar que as relações de gênero tem sido alvo de ensinamento dos adultos em relação às crianças, no qual definem o que pode e o que não pode ser feito pelas crianças.

A partir daí, a escola se torna um local para se detectar e pensar os estereótipos de gêneros, pois nela se manifesta de forma notável a diferença de comportamento entre meninos e meninas. Como pontua Robert Connell (1995, p.189 apud Louro 1997) "no gênero a prática social dirige corpos", sendo assim a escola como espaço socializador tem a missão de desmistificar as questões atribuídas ao gênero. Connell evidencia ainda que o menino aprende a conduta masculina e desta forma se afastam do comportamento feminino, iniciando-se o processo de diferenciação no qual o homem é superior a mulher.

A escola vai atribuindo ao corpo e ao gênero modos de ser menina e menino com brincadeiras diferenciadas, e as crianças, muitas vezes, acabam internalizando essas práticas que sobressaem no cotidiano escolar que se configuram de um determinado modo e não de outro. Essas aprendizagens em relação ao gênero, internalizadas na infância, vão se desdobrando nas relações estabelecidas pelas crianças durante suas vidas e ora são reproduzidas, ora elas são transformadas e recriadas num contínuo processo de reinvenção.

Assim, é necessário conhecer como significados masculinos e femininos presentes em nossa sociedade interferem ou não nas concepções de professoras e professores e na relação que devem manter com alunos e alunas.

O PAPEL DO PROFESSOR E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

O papel do(a) docente é fundamental no processo de construção do conhecimento, ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, devendo ter discernimento para não transmitir seus valores, suas crenças e suas opiniões como sendo verdades

absolutas ou princípios a serem seguidos. Nesse sentido, Nunes e Silva (2000, p.106) dizem que o(a) docente precisa constantemente “fazer a crítica dos papéis tradicionais e de suas convicções ideológicas”.

A cultura, o conhecimento, a educação que as crianças recebem no âmbito familiar são elementos que acompanham o trabalho do educador e possibilitam a criação de determinadas expectativas em relação aos alunos e alunas. Porém, o (a) docente deverá evitar a criação de estereótipos dentro da sala de aula que definem as meninas como comportadas, delicadas, sensíveis, vaidosas, elegantes, frágeis em contraposição os meninos serão autoritários, esportivos, viris, agressivos.

A observação de situações e atividades escolares é um recurso valioso para se obter informações de onde, como e quando se produzem as diferenças, as discriminações relacionadas ao gênero no cotidiano escolar.

Às vezes o cotidiano de algumas EMELs (Escolas Municipais de Educação Infantil) fica voltado às práticas das professoras e dos outros profissionais da escola.

Nesse sentido, contextualizo aqui o cotidiano da turma de Educação Infantil. Ao considerar como meninos e meninas são agrupados juntos ou separados, podemos perceber como as relações de gênero são trabalhadas e desenvolvidas no ambiente escolar.

Percebe-se que o tempo nas atividades escolares é minuciosamente controlado, chamam de Linha do tempo, monitorado de acordo com as divisões feitas pelas professoras. Conforme Freitas:

O tempo, na escola, é dividido e rigidamente controlado: hora de entrar, da merenda, do banheiro, do recreio, de sair. Essa divisão de tempo invade a sala de aula: os horários são bem definidos e deve-se interromper imediatamente as atividades sempre que for “hora de”. Quando se é “hora de”, não importando o que a criança está fazendo ou qual é sua vontade, o cumprimento dos horários é obrigatório (FREITAS, 1998, p. 62).

Portanto, existe o momento certo, adequado para se estudar, brincar, pintar, ler, etc., como se fosse possível dissociar todos esses momentos da aprendizagem. Outro fato é que nunca é questionado o que a criança gostaria de realizar naquele momento. Leva-se em conta somente o que foi preestabelecido para aquele momento, tornando assim o espaço escolar controlado e vigiado, onde cada um deverá executar somente o que foi proposto e o que é esperado para as crianças, dentro das “normas”.

Sayão afirma que :

Em especial, nas brincadeiras que inventaram, meninos e meninas demonstram que os papéis de gênero vão sendo delineados muito cedo, embora na infância seja bastante possível transgredi-los. Essa característica de transgressão parece ser uma manifestação típica de um momento da vida e logo será abrandada em face das convenções sociais pautadas por uma visão da ciência e por determinações sociais que normatiza lugares, comportamentos e formas de ser específicos para meninos e meninas, homens e mulheres (SAYÃO, 2003, p. 78).

É possível verificar o quanto as professoras realizam atividades voltadas à separação de gêneros e o quanto toda sua rotina se torna rígida, totalmente voltada ao respeito a horários.

Embora as escolas, as salas de aula não sejam mais divididas pelo sexo masculino e feminino, as próprias crianças se separam ao se agruparem meninas com meninas e meninos com meninos. Acredito que muito se deva à própria dificuldade do professor(a) em lidar com essa questão, em se autoavaliar, pois fomos educados(as) com essa separação sexista, e, quando essa separação não ocorria, era algo preocupante para a família e escola. Sayão (apud Zenti, 2002, p.55) aponta que “trabalhar relações sociais é mostrar que as pessoas são diferentes, que as culturas são diferentes, que a realidade do campo e da cidade é diferente, que o mundo é diferente”. Todas essas diferenças são fundamentais e nos tornam pessoas especiais com habilidades, dificuldades, atitudes, gostos, raças, com gestos diferentes umas das outras. Essa diversidade é maravilhosa; o que nos faz sofrer não são as diferenças, mas sim as desigualdades que surgem quando essa diferença significa inferiorização e é legitimada por estereótipos, como os relacionados à feminilidade e à masculinidade, padrões estabelecidos que regem a vida da mulher e do homem, do menino e da menina no seu cotidiano.

Desde cedo fomos educados e educadas para sermos meninos e meninas; eles e elas não podiam se misturar, pois os meninos eram mais fortes, brincavam com mais violência, enquanto que as meninas tinham que brincar de forma limpa, ordeira, caprichosa. Junto a isso vinha o conceito de cores, que

também eram estilizadas. Os meninos não olhavam nem tocavam em nada que fosse cor de rosa, pois essa cor era somente para meninas. Esse reflexo de gênero sexista se arrasta até hoje, chegando a causar discussões entre as crianças que não se enquadram nos padrões estabelecidos. Dentro desse contexto, Moreno nos relata:

Modelos de comportamentos atuam como organizadores da ação, e é esta característica de inconsciência que os torna mais dificilmente modificáveis. São transmitidos de geração a geração e século após século por meio da imitação de condutas e atitudes (MORENO, 1999, p. 30).

Estas condutas e atitudes acabam legitimando a educação sexista, desencadeando nas crianças sentimentos de inferioridade e frustração que acarretarão consequências na sua vida adulta.

Desde quando uma menina não pode brincar de carrinho ou um menino brincar com boneca? Quem impôs essa regra? Por quem foi criada a concepção de que mulher nasceu para profissões como professora, e o homem para profissões como engenheiro? Estas e outras questões voltadas às atitudes sexistas sempre se fizeram presentes e, no entanto, sempre nos mantivemos alheios(as); digo nós, pois me incluo nesta categoria.

Atitudes como não permitir que meninos brinquem hoje com bonecas poderão torná-los amanhã pais que não se relacionam com seus filhos, pois cresceram ouvindo e vendo que a função de cuidar de crianças é da mulher, e torná-los ainda homens ausentes que não dividem as funções domésticas.

As meninas também sofrem com o tratamento inferior dos meninos, pois desde muito cedo são ouvintes, aprendem que prendas domésticas serão suas funções futuramente. São estimuladas a não correr, a não falar alto, a serem cuidadosas, caprichosas, meigas, educadas, maternas, portanto boas mães e boas esposas.

Na escola, quando uma menina sai do padrão estabelecido, é logo tachada de menina problema, perturbada. Pois quem nunca ouviu algum professor ou professora na sala de reuniões relatar que tem uma aluna que é “pior” que os meninos? E por que os meninos têm que ser “piores” que as meninas?

Percebe-se também que, em nenhum momento, as crianças se referem às brincadeiras no parque com diferenciações, o que vem ao encontro das observações realizadas, sendo possível sempre notar que esse é um dos poucos momentos em que as crianças se integram, não se dividem por sexo nas brincadeiras no parque, esquecendo que são meninos e meninas, e brincam juntos e juntas sem distinções, sem rivalidades ou competições, apenas “brincam”, como poderia ser em outros momentos.

Não podemos nos esquecer ou ignorar que a mídia também influi na concepção das brincadeiras quando já nas propagandas determina e associa o tipo do brinquedo à menina ou ao menino, estimulando a distinção através da sua divulgação, da sua embalagem, da sua disposição nas lojas, ou seja, os brinquedos para as meninas têm suas embalagens mais delicadas e são voltados para maternidade e a beleza, implicando assim a ideia de que a mulher nasceu para ser bela, frágil, materna, esposa; já os brinquedos voltados para os meninos têm suas embalagens em cores fortes e representam o lado forte, líder, homem de raciocínio lógico, intelectual, competitivo e até violento. Dentro dessa visão, Felipe (1999) ressalta que os tipos de jogos, brinquedos e brincadeiras que *“oportunizamos a meninos e meninas, a utilização dos espaços que permitimos a um e a outro, são alguns exemplos de como os indivíduos vão se constituindo”* (p. 169).

Desconstruir a ideia de que o brinquedo e as brincadeiras acabem legitimando as diferenças discriminatórias nas crianças, uma vez que lhes são apresentadas de maneira a vincular a feminilidade e a masculinidade ao modelo imposto pela sociedade há séculos ditando regras aos sujeitos para que os meninos e as meninas se comportem e ajam de acordo com o seu sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem um papel primordial e privilegiado no trabalho de vivência e prática das relações de gênero na educação infantil, e este tema não pode ficar fora do trabalho pedagógico dos(as) professores(as) pois a natureza define o sexo da pessoa: nascemos homem ou mulher, o gênero vai além disso, pois não nascemos acompanhado de um manual que define como homens e mulheres devem se portar, isso é aprendido e estabelecido nas relações e varia de acordo com a cultura, valores, conceitos e meio social em que a criança está inserida. Logo depois que um indivíduo nasce, inicia-se um longo processo social que influencia a construção de sua identidade, do seu papel sexual e de como se porta nas relações entre os sexos. A absorção desses estereótipos de gênero depende de como cada um aprende, entende e interpreta seus direitos e deveres em relação a si mesmo, ao outro e ao seu grupo social.

Existe uma naturalização de determinadas práticas que reforçam os estereótipos de gênero e determinam como os meninos e meninas devem agir dentro da escola reprimindo aqueles (as) que não agem conforme o padrão estabelecido desse modo não existe respeito à diferença e é nesta questão que a escola e todos os seus profissionais precisam se atualizar e trabalhar em prol da igualdade de gêneros buscando garantir dignidade e igualdade de oportunidades.

Há um desafio para a escola de construir um novo olhar sobre as relações de gênero na educação infantil sob a ótica infantil, que não venha carregado de preconceitos e sim com a ousadia de transgredir os padrões estabelecidos enfim um olhar diferente que procura desmistificar as diferenças.

A escola não deve se portar como neutra e deve iniciar a discussão sobre as relações de gênero reconhecendo que ela participa ativamente da construção da identidade de gênero e infelizmente nos dias atuais de forma desigual. E essa construção se inicia desde as primeiras relações da criança no ambiente coletivo da educação infantil.

Discutir as questões de gênero na educação infantil significa refletir sobre relações das práticas educacionais cotidianas, desconstruindo e redescobrimo significados. Significa questionar conceitos preconcebidos, determinações que sutilmente permeiam nossas práticas. Discutir as relações de gênero na educação infantil é, antes de tudo, remexer e atribuir novos significados à nossa própria história.

Relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Assim daremos a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos, vivendo a infância com sua inteireza, em sua plenitude.

Este modelo histórico de conceito de gênero está enraizado à nossa sociedade em virtude da cultura que trazemohá séculos, onde havia a diferenciação entre as atuações profissionais e/ou domésticas, entre o homem e a mulher, inclusive nas escolas havia (e até hoje há) separação entre os meninos e as meninas, tanto pra filas quanto para atividades físicas e escolas destinadas somente a meninos e outra para meninas. Estamos tendo a oportunidade de discutirmos mais sobre o assunto gênero na escola, porém, ainda temos muito a caminhar.

Concluo que para que aconteça a igualdade no tratamento de meninos e meninas e uma educação livre de preconceitos e desigualdade entre os sexos, é preciso a cooperação entre família, comunidade e profissionais da educação. É necessária a reflexão sobre as condutas e práticas que se têm com as crianças, para que não haja mais divisão e distinção de meninos e meninas em brincadeiras, filas, interações e nos tratamentos direcionados a elas. E, a Educação Infantil é um momento importante para que tudo isso aconteça, pois esta, é a base para a formação da criança e para dar sequência todas as outras.

Por esse prisma na Educação Infantil, a questão de gênero precisa ser priorizada, urgente, pois é nela que a identidade começa a ser construída, ou seja, os sujeitos vão se construindo como femininos ou masculinos e a linguagem utilizada pelo(a) professor(a) é fundamental nesse processo, suas reações diante das situações são determinantes nessa construção de identidades. E cabe ao professor ao se deparar com situações de diferenciações de gênero discriminatórias e ou excludentes, não ficar alheio à situação, pois, a não interferência resultará e colaborará na legitimação da hierarquização entre o masculino sobre o feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERNAZ, Lady Selma; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na Educação**: interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 75-95.
- ALTMANN, Helena. MARIAS (E) Homens nas Quadras: Sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação e Realidade**. Das diferenças. Porto Alegre, p. 157-173, jul./dez. 1999.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: Vorraber, Marisa (org.). **Estudos culturais em educação**: Mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Universidade. UFRGS, 2000. p. 205-227.
- FINCO, Daniela. Educação infantil, espaços de confrontos e convívio com as diferenças: Análise das interações entre professora e meninos e meninas que transgridem as fronteiras de gênero. www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/.../DANIELA_FINCO.pdf
- FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação**: Universidade de Campinas, Campinas, v.14, n.3 (42), p.109-101, set./dez. 2003.

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: Relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 77-89.

FELIPE, Jane. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 53-65.

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. **A produção da ignorância na escola**: Uma análise crítica do ensino da língua escrita na sala de aula. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 85-96.

LOURO, Guacira Lopes. A escola e a pluralidade dos tempos e espaços. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Escola Básica na virada do século**: Cultura, política e currículo. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 119-129.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2005.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p.9-27.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: O sexismo na escola. Campinas: Moderna, 1999.

SABAT, Ruth. Quando a publicidade ensina sobre gênero e sexualidade. In: SILVA, Luis Heron da (org.). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999. p. 244-260.

SACRISTÁN, J. Gimeno. A seleção cultural do currículo In: SACRISTÁN, J. GIMENO. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000. pp. 55-87.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Currículo integrador da infância paulistana**. São Paulo: SME/DOT, 2015

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. **Mais Educação São Paulo**: programa de reorganização curricular e administrativa, ampliação e fortalecimento da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. São Paulo: SME, 2013.

SAYÃO, Déborah Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, Meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. **Pro-posições**: Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação, Campinas: UNICAMP, v. 14, n. 3, p. 67-87, set./dez. 2003.

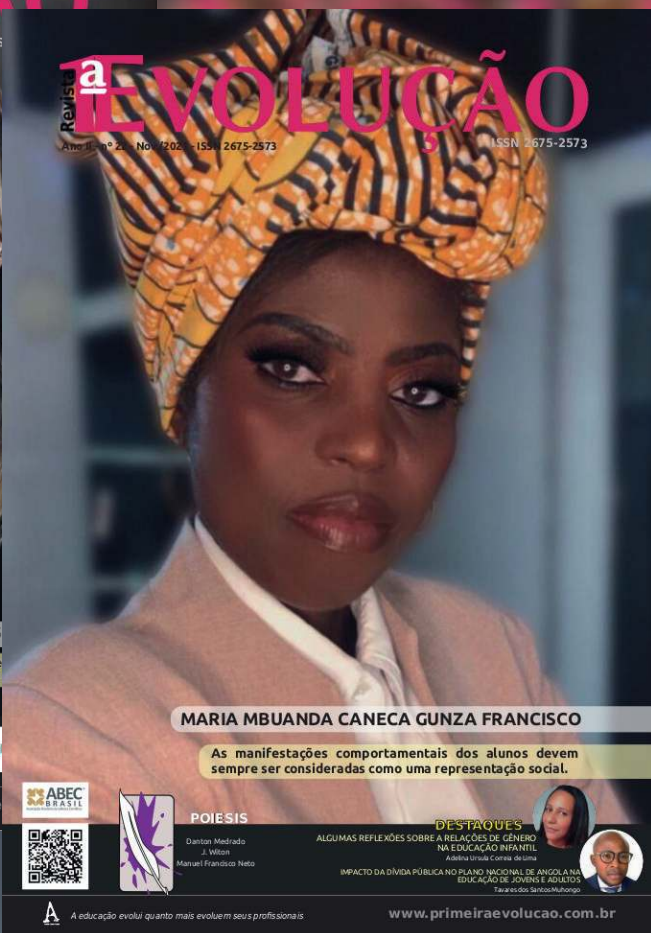
SAYÃO, Déborah Thomé. Infância, sexualidade e educação: Aspectos das relações profissionais e crianças. In: SARTORE, Ari José; BRETTO, Néli Suzana (orgs.). **Gênero na educação**: espaço para diversidade. Florianópolis: Genus, 2004. p. 40-4



Adelina Ursula Correia de Lima

Mãe, e Pedagoga formada pela Faculdade Renascença em 2008, também formada em Matemática pela Universidade Camilo Castelo Branco em 2014 (UNICASTELO). Especializada em Educação Gênero e Diversidade (UNIFESP, 2016) e Educação Infantil pela Faculdade Campos Sales, em 2017 (FICS). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

EVOLUÇÃO



ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Adelina Ursula Correia de Lima
- Cristiana Ferreira de Sousa Neves
- Elida Eunice da Silva
- Izilda Marques Bastos Trindade
- Luzerlila Perestrelo Valente
- Maria Celeste dos Viveiros Capongcol Vitangui
- Rosemeire Santos de Deus Lopes
- Tavares dos Santos Muhongo
- Vanda de Lima Rodrigues
- Vilma Maria da Silva



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.22>

www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:

